

# O RECADO DOS LIVROS

PAULO EDUARDO ARANTES

Universidade de São Paulo

## Resumo

Comentário livre de uma palestra de Antonio Candido na Escola Nacional Florestan Fernandes do MST, em 2006, por ocasião da inauguração de sua biblioteca. Mais exatamente, uma reflexão histórica sobre a força humanizadora da cultura letrada numa sociedade basicamente desigual como a nossa.

## Palavras-chave

Cultura letrada;  
Força  
humanizadora;  
Sociedade  
desigual

## Abstract

*Free commentary on a lecture delivered by Antonio Candido at the MST Florestan Fernandes National School in 2006, on the occasion of the inauguration of its library. More precisely, a historical reflection on the humanizing force of lettered culture in a basically unequal society such as ours.*

## Keywords

*Lettered culture;  
Humanizing  
force;  
Unequal society*

O recado dos livros vem de longe. Na sua versão original, ele se confunde com a invenção romana do que viria a ser chamado mais tarde de *humanismo*. Segundo se admitia entre os romanos cultos, a humanidade plena de cada um se conquistava antes de tudo pelo cultivo letrado da alma. Para um patrício romano, a convicção de que a *leitura forma* era tudo menos trivial. Desde então, entre eclipses nem sempre obscurantistas e renascimentos por vezes pouco luminosos, gravou-se na memória dos países que se prezam civilizados o vínculo das letras com a formação do homem.

Tal recado acaba de chegar até nós numa versão muito específica, para não falar da circunstância não menos excepcional. Sem alarde e na forma singela de uma palestra de Antonio Candido sobre a importância do livro e da leitura, por ocasião da inauguração da biblioteca da Escola Nacional Florestan Fernandes, em agosto de 2006. Mais exatamente, uma breve reflexão sobre a força humanizadora da cultura letrada numa sociedade brutalmente desigual como a nossa. Isso mesmo. E como se não bastasse a enormidade do curto circuito Roma/Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), de quebra um duplo anacronismo, que vem a ser a associação da luta pela terra à pregação, não menos fora de época, de algo como um verdadeiro *humanismo literário*. Denominação pela qual assumo minha parte de responsabilidade, pois não me lembro de ter me cruzado com tal termo em seus escritos, salvo a referência constante ao que ele mesmo entende por *humanização*, na sua explicação, o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais. Assim como nenhum outro movimento social no Brasil levou a instrução e o livro tão a sério como o MST, nenhum outro crítico literário brasileiro de mesma envergadura levou tão a sério a função formadora das letras como Antonio Candido. Prova suplementar da independência de espírito de um e outro, ambos na contramão dos seus respectivos *establishments*, se é que se pode falar assim.

Há mais de uma ironia nisso tudo. Posso apenas assinalar a mais gritante delas. À primeira vista, nada mais empoeirado do que este recado humanista dos livros. Dado, além do mais, em plena era digital do capitalismo de imagens. Livro e trabalho saíram juntos de cena, são de resto contemporâneos da mesma degradação. Leitores e trabalhadores, literalmente descartáveis. Faz um bom tempo que a síntese social não é mais dada, nem por um nem por outro, livro e trabalho. Se ainda fosse preciso empilhar argumentos destinados a salientar o presumido caráter retrógrado de um movimento como o MST, aí está a data. A de uma sociedade imaginada como uma coalizão de leitores, socialmente lastreada por uma distribuição tal do trabalho assalariado que até a luta de classes impulsionaria a invenção de instituições civilizadoras, da escola ao sindicato, da biblioteca pública à previdência social. Em suma, uma sociedade nacional porque salarial, e vice-versa. A revanche do Capital varreu tudo isso. A comunicação de massas desmanchou de vez o vínculo das letras, enquanto as megacorporações em rede, subcontratando países inteiros, empurraram para o aterro sanitário o nexo estrutural do trabalho. A carta do humanismo estava assim definitivamente fora de jogo, tanto faz se na sua versão liberal-burguesa, quanto no seu contraponto superador radical socialista. E selado o destino retroverso do crítico literário e seus companheiros de leitura.

Deu-se no entanto o grande disparate, a reviravolta ideológica pela qual ninguém esperava. Com o sinal trocado para variar, um crescente fervor humanista vem conquistando mundo afluente afora, e seus enclaves periféricos, corações veteranos e mentes nem tanto, sitiados pela compulsão securitária do novo imperialismo. Tranquilizações, em suma, disponíveis nas mais variadas versões, neoconservadora, terceira via, republicana, terapêutica etc. De novo ouvido em meio ao som e a fúria do aparato técnico do turbocapitalismo, o recado dos livros deve ser agora sobretudo apaziguador. No retrato humanista da biblioteca civilizadora interessa no momento encarecer, na sempre lembrada afinidade entre ler e estar sentado, quieto e absorto, a imobilidade que acalma junto com a civilidade obediente que o texto clássico inspira. Contenção, numa palavra – aliás em mais de um sentido, pois se está novamente confiando no poder inibidor do enlevo letrado. A beleza redescoberta dos clássicos por uma classe dominante fatigada e desconectada também é edificante por erigir um anteparo. Como no romance *Sábado*, cujo pano de fundo é o mundo fora dos eixos do 11 de Setembro e da guerra do Iraque, contra o qual se destaca a luminosidade reflexiva de um neurocirurgião londrino a caminho do Nobel, ao fim do qual uma besta fera delinquente, ponto de acumulação de todas as taras contemporâneas, se deixa congelar *in extremis* pelo embalo “humanizador” de um poema muito significativamente contemporâneo do auge vitoriano do império britânico, em cujos versos exércitos ignorantes se chocam à noite numa planície sombria varrida por avisos confusos de combate e retiradas...

O fato é que estamos de novo diante da guerra, mas não como sobressalto geopolítico cataclísmico como no século passado, ou expressão do choque entre sociedades nacionais que não existem mais – a guerra se privatiza cada vez mais

e não por acaso é conduzida por profissionais; o serviço militar do recruta-cidadão e leitor escolarizado dos clássicos nacionais é hoje uma relíquia, salvo nos países periféricos em que há em estoque um excedente populacional pronto para ser queimado. A reconfiguração do capitalismo simplesmente quebrou os padrões costumeiros da violência, organizada e avulsa. Hoje uma guerra banalizada e sem fim se confunde com a gestão da nova “normalidade” capitalista, por sua vez uma imensa metástase despacificadora. Daí o apelo recorrente exercido pelo substrato humanista da não menos assustadora *Pax Romana*. Não faz muito, num estudo polêmico que não posso discutir agora, um autor alemão, comentando o sonho recorrente de salvação da alma europeia por meio do poder civilizador e humanizador da leitura clássica – e sabia do que falava: sua observação vinha a propósito da quimera de desnazificar a Alemanha pela formação de um público pacificado de amigos da leitura dos clássicos greco-romanos e nacionais, como se uma juventude goetheana pudesse fazer esquecer uma juventude hitlerista –, lembrou que o humanismo, como comunidade imaginada de semelhantes, por sua vez agregados pelo ato depurador do saber ler, tanto na sua versão romana de origem, quanto na nacional-burguesa, quando o padrão da sociedade literária ampliou-se para norma da sociedade política, sempre entra em cena por uma certa motivação, digamos, militante. No caso romano, o alvo era duplo, frente e verso de uma mesma pulsão desinibidora: a brutalização da sociedade pela expansão milita permanente e a concomitante invenção do entretenimento de massa, a bestialização quotidiana das pessoas à base de espetáculos sangrentos.

À primeira vista, nosso atual fim de linha parece emendar nesta cena original. Assim, um jornalista embutido nas tropas americanas no Iraque ressurgiu com um livro apavorante sobre o imaginário violento do soldado por assim dizer de alta tecnologia embarcada: um coquetel de cultura do rifle, *video game*, pornografia e outras coisas do gênero. Todavia a simetria não é assim linear. A reviravolta espantosa é que *o humanismo de agora é militar*. Ele é o suplemento espiritual da guerra justa – outra relíquia bárbara ressuscitada – contra os estados-bandidos da fronteira, que pode ser também, ou sobretudo, uma periferia interna. O humanista de hoje, não é apenas o letrado da retaguarda relendo os seus clássicos enquanto o fim do mundo não chega, mas se encarna de preferência no prontoso socorro do agente humanitário, que aliás mal se distingue de seu colega em uniforme de guerra, ou no ativista social do Terceiro Setor. O humanismo hoje é militar assim como o Estado também é a um só tempo Social e Penal, duas formas complementares de gestão de populações de risco, ora “cuidando”, ora encarcerando, além das coerções que vão se diversificando na mesma velocidade. Não deixa de ter a sua graça sinistra o fato de que o novo humanismo se apresente tão militarizado quanto o seu irmão inimigo, o Islã radical que prolifera nas megafavelas do desespero mulçumano.

Como ficamos? Um romano não hesitaria. Adaptando o dito célebre: melhor nos extraviarmos na companhia das ideias extemporâneas de Antonio Candido do que acertar no caminho indicado por seus oponentes impregnados pelos ares do tempo.